

Maria Osório: “Cumpro afrontar a condición de presa política como unha responsabilidade e un orgullo”

GALIZA LIVRE :: 06/12/2018

Entrevista a Maria Osorio, ex-presa política galega, recentemente exarcelada

Em setembro deste ano, a militante independentista Maria Osório, abandonava a prisión de Mansilla de las Mulas, onde foi recibida por amizades e familiares ás súas portas, tras cinco anos privada de liberdade, durante os quais estivo en diversas prisións españolas: Soto del Real, Ávila, Villabona e Leom.

A tua militancia política levou-te à prisión, que significa para ti ser unha presa política galega?

Por un lado significou unha responsabilidade e por outra un orgullo. Pensa que estamos a falar de unha tradición de décadas, con centos de expresións ao longo do mundo. É bonito pensar en toda a xente que estamos a lutar por destruímos este sistema opresor e xenocida desde tantas diferentes latitudes... No noso contexto, agora torna-se especialmente importante remarcar a condición de presas políticas e a súa existencia. Hai xente que quere reescrever a historia despois da transición, sem nem sequer deixar escribir a previa. Aínda há quen diga, mesmo desde a auto-proclamada esquerda, que non hai presas políticas no Estado; que isso aconteceu con Franco, mas non agora. Na realidade non as deixou de haber até o presente, lembrando-nos que vivemos en unha democracia falsa e muito agresiva con a disidencia.

Por outro lado, tamén detectei certos discursos no independentismo catalán un pouco fora de punto. Quando comezaron a deter persoas deses movementos comezou-se a dizer que volvía a haber presas políticas no Estado español, afortalando o falso discurso da aparencia democrática de España. Eu estaba lá na cela en Mansilla escoitando as noticias quando todo este conflito estalou máis seriamente e lembrei-me de nós, e tamén das compañeiras bascas que levan aturado con tanta severidade os embates do Estado, tamén da xente comunista presa, anarquista e até de presas sociais que padecen en propia carne desde hai tantas décadas o sistema penitenciario español... Tivemos certa sensación de desgosto e perplexidade.

Acho que o que fai a unha persoa presa política é que forma parte de un movemento de resistencia e político, como se lle queira chamar, e que tamén é filla do seu tempo: perante as injustiças inmediatas organizou-se e lutou. Por isso podes estar de acordo ou non con o que pensan esas persoas, mas devém-se respectar e reconecer as súas trayectorias e voluntarismo total. Lembremos que hai xente que roza os trinta anos presa, a isso as persoas que din que non hai presas políticas no Estado español non sei como lle chamarán. Quanto menos dá que pensar, non?

Despois de 5 anos presa e dispersada, que destacarías deses etapa da tua vida?

Pois ao princípio tens certa sensação de corte com a tua vida, mas logras fiar essa etapa e dotá-la de toda a significação que tem. No meu caso nom sei se por idade ou porque me tocava, aprendim muitas cousas da vida. Sobre todo a valorar o realmente importante, que som três ou quatro tontarias. Podes aproveitar o tempo de muitas maneiras e, ao viver rodeada de gente tam diversa e em circunstâncias tam duras, a solidariedade torna-se fundamental. Vaia, ai é quando se vê o melhor e o pior das pessoas e isso dá-che para tirar muitas liçons psicológicas. Também de umha mesma. Depois, conhecim um bom feixe de presas políticas com as que travei amizade e isso arriquece muito como pessoa e militante. Foi umha etapa determinante e que marca para sempre.

Na cadeia mantivestes várias iniciativas de protesto para melhorar as vossas condições de vida, podes falar-nos de alguma?

Fundamentalmente realizamos jejuns e rejeitamentos de bandexa para exigir que nos trasladassem a Galiza e nos reagrupassem na mesma prisom. Depois, em caso de que passasse alguma cousa grave com algum compaheiro ou acidente de carro com familiares também se protestava com jejuns ou em cada cadeia valorava-se o jeito. Em Leom eu estava com umha companheira basca e em efemérides que ambas partilhávamos também faziamos cousas conjuntas. A última com a greve de mulheres, sacamos uns cartazinhos no módulo enquanto nos concentrávamos.

Antes da tua detençom visitavas presos e presas políticas em diferentes cadeias do Estado, escrevías-lhes, acodías a toda quanta mobilizaçom havia para exigir a sua posta em liberdade... Como percebieche tu essa solidariedade quando estavas presa?

É fundamental. Eu aproveito para agradecer-lhe a toda a gente que me escreveu e me visitou todos estes anos. Fixa-te que quase nom houve semana que nom recebesse carta ou visita por locutório. Fai-che sentir que formas parte de algo, que a gente se lembra de ti e isso lá dentro significa levar o quotidiano muito melhor. Aliás a ligação com o exterior é fundamental para paliar os efeitos da institucionalizaçom. A presa política (e qualquer umha) necessita que lhe falem dos seus anceios de fora, de como vai a luita e o mundo... Já o dizia Nazim Hikmet, hai que seguir vivendo com as de fora, com as nossas, apesar dos muros de sofrimento.

Militante imparável e incansável, na rua continuas dando a batalha e pelexando acarom dos que aínda nom estam na rua. Podes contar-nos quais som as iniciativas que está levando adiante o coletivo de presos a respeito da progressom de grao e do traslado à terra?

Acho que os companheiros se encontram agora recebendo contestaçons jurídicas e administrativas depois de recorrer o grau e de demandar de novo o traslado a Galiza. Por agora sem resultados. Para além disto continua-se com a dinâmica de mobilizaçom que acompanha os últimos venres de mês de mobilizaçons nas comarcas. Nesse jejum fam-se várias petiçons, fundamentalmente a fim da dispersom penitenciária. Também recebemos visita da euro-parlamentária Lúcia Senra, à qual lhe trasladamos todas estas cousas. Ela em Bruxelas denunciou o caso e demanda que se remate com a dispersom e outro tipo de arbitrariedades, como a aplicaçom sistemática do primeiro grau.

A dia de hoje, vendo os poucos pasos que dá Espanha em quanto a matéria penitenciária, que achas que é o prioritário em quanto a luta solidária?

A verdade é que é um panorama complexo, porque parecia que se abria certo horizonte de mudança, mas é totalmente enganoso. Acho que hai que seguir espalhando a realidade penitenciária espanhola e lutando na rua polo cumprimento dos direitos das presas políticas. Talvez haja que fazê-lo com mais determinação e com dinámicas sostidas no tempo, sendo conscientes de que estamos perante umha luta global: o sistema repressor espanhol é umha peça fundamental da andamiagem. Dai as dificuldades que hai para abri-lo e ver avances. A luta tem que ser em todas as frentes.

<https://galiza.lahaine.org/maria-osorio-lcumpre-afrontar-a>